

Panorama

Editor: Igor Natusch
igor@jornaldocomercio.com.br

LITERATURA

Resgate do povo Charrua em quadrinhos

Adriana Lampert

adriana@jornaldocomercio.com.br

As origens e cultura do povo Charrua, etnia ancestral de territórios que hoje integram o Rio Grande do Sul, o Uruguai e a Argentina, ganham um novo registro em narrativa visual com o projeto da história em quadrinhos (HQ) *Charrua*. A obra roteirizada por Rodinério da Rosa e ilustrada por Moacir Martins, com consultoria do historiador indígena Kaingang Danilo Braga, foi selecionada pelo edital Fumproarte de Produção Artística de 2025 e tem lançamento agendado para agosto de 2026.

O projeto surge de uma motivação que remonta à infância do roteirista, quando o estudo da história regional ainda era presente nos currículos escolares. Segundo Rodinério da Rosa, a figura dos Charruas se destacou em sua memória pela semelhança táctica com povos nativos da América do Norte. “Eu observei uma particularidade dos Charruas que eu relatei aos Apaches dos Estados Unidos: a ferocidade em guerra de não admitir o invasor branco tentando tomar o espaço deles e a inteligência táctica que muitas vezes foi subestimada pelos exércitos invasores”, afirma o autor.

Segundo Rosa, o enredo de *Charrua* utiliza a trajetória do personagem heróico Cayuare para apresentar o modo de vida e a resistência dessa população originária. “O nome do protagonista não é casual; foi extraído de pesquisas em obras de historiadores e antropólogos uruguaios”, sinaliza o roteirista. A trama inicia no momento da traição sofrida pela etnia, evento que obriga o protagonista a fugir para o Rio Grande do Sul com sua esposa. A narrativa descreve o contato do guerreiro com outras etnias e os conflitos com a população branca, utilizando a ficção para conduzir o leitor por eventos baseados em fatos históricos.

Para retratar esses confron-

tos, os autores optaram por uma estética realista, abrindo mão de tons míticos. As ilustrações de Moacir Martins são produzidas com a técnica de aquarela, visando conferir densidade à atmosfera da obra sem suavizar os episódios de violência dos embates decorrentes do contato com colonizadores europeus e o posterior processo de extermínio dos Charruas. “No início, as cores apresentam um tom onírico para retratar o período anterior ao contato com os colonizadores; conforme a história avança para os conflitos e a traição histórica, a paleta torna-se mais densa e pesada”, pontua o roteirista.

Rosa pondera que a HQ cumpre o papel de preencher lacunas de registros sobre um povo muitas vezes tratado como extinto, mas que sobreviveu por meio da miscigenação e da migração para o Estado, após perseguições da coroa espanhola. “A dizimação aconteceu mais na parte cultural e da extinção da língua. Os que conseguiram fugir foram se misturando com outras etnias e isso fez com que fossem perdendo a cultura e o idioma”, explica. Um dos pilares da obra é a precisão antropológica mediada pela consultoria de Braga, que também facilita o diálogo com a memória de descendentes Charruas que vivem hoje no bairro Lami, em Porto Alegre. Rosa pontua que a pesquisa se estende aos detalhes da indumentária e dos utensílios, como a forma correta de prender o poncho de pele ao pescoço e o manejo das boleadeiras. Segundo ele, um desafio técnico foi a barreira linguística: como o idioma original foi perdido, a HQ utiliza recursos gráficos para sinalizar diálogos traduzidos, mantendo o rigor sem sacrificar a fluidez.

Essa precisão narrativa é sustentada pela trajetória consolidada dos autores no campo das artes gráficas. Rodinério da Rosa, que iniciou a carreira em jornais aos 16 anos e fundou a Grafistas Associados do Rio Grande do Sul



(Grafar), é atualmente o único autor brasileiro com um personagem próprio, Brett, publicado em série na revista italiana *Skorpio*. Já Moacir Martins atua desde a década de 1990 em diversas frentes, desde revistas sindicais até produções televisivas. A parceria entre ambos, que completa mais de três décadas, busca agora aplicar a experiência do mercado internacional a temas locais negligenciados. “A gente estava devendo algo da nossa cultura. O projeto *Charruas* caiu como uma

luva para falar dessas minorias que foram apagadas da história do Rio Grande do Sul”, ressalta o roteirista.

Além do resgate histórico, o trabalho prevê acessibilidade e contrapartida social. Serão distribuídos gratuitamente 200 exemplares para escolas públicas, bibliotecas e centros culturais, além da produção de um audiolivro descritivo para pessoas com deficiência visual. Rosa admite que o financiamento público via Fumproarte é o que viabi-

liza o rigor técnico e o tempo de dedicação necessários para uma obra desse fôlego. “A maioria dos artistas de quadrinhos no Brasil não vive disso. Para se dedicar a um projeto desses, você precisa parar o que está fazendo, e sem uma verba que permita essa pausa, é praticamente impossível”. Atualmente em fase de desenvolvimento de páginas, o progresso da HQ pode ser acompanhado pelos perfis oficiais do projeto pelas redes sociais (Instagram e Facebook).

ARTE DE MOACIR MARTINS/DIVULGAÇÃO/JC